

Encontro

# Balseiros relatam as aventuras no transporte de madeira

Histórias vão sendo contadas por várias gerações nas famílias que vivenciaram esse momento da economia do Oeste catarinense



Eliane Taffarel  
eliane.taffarel@jornalsulbrasil.com.br

“Se existisse eu ia de novo. Não tinha como não ir. É tudo muito diferente do que vivemos hoje”. Esse é o relato do balseiro Severino Schneider, que realizou três viagens até São Borja e uma interrompida pela metade porque a balsa estourou. Delas, ele guarda muitas lembranças e histórias para contar.

Sempre com um sorriso no rosto, recorda das aventuras pelo Rio Uruguai, mas também na volta para casa. “Voltávamos de caminhão, colocávamos bancos em cima e vínhamos sentados até aqui. Era uma noite e um dia de viagem. Muitas vezes o caminhão ficava no ‘atolador’, as estradas não eram tão boas e com toda a chuva havia muito barro, daí a gente procurava fazer desvios, mas às vezes, precisávamos puxar o caminhão. Era um sofrimento”, conta.

Seu Severino relata que o pai fez diversas viagens até São Borja e que a menos demorada foi em oito dias. “A enchente estava boa, então em oito dias eles estavam desembarcando de volta em Nonoai. Eu fiz minha primeira viagem com 15 anos e oito meses, mas trabalhei igual aos outros. Na primeira viagem, a gente é muito curioso, passamos um sufoco, a balsa quase estourou. Tinha hora que dava medo, mas era muito bom. Só não continuei viajando porque foi proibida a exportação de madeiras naquela época”, destaca.

Seu Severino e Clemente Panis construíram uma réplica de uma balsa, para mostrar como as mesmas eram feitas. “Essa aqui

equivale a uma balsa de 55 metros de comprimento por 12 de largura. Para levar uma balsa desse tamanho era preciso oito pessoas, mais o prático. Cada um tinha sua função. Levávamos comida, fazíamos a comida aí em cima, tinha a lancha que levávamos junto. E cada parte dessa balsa era chamada por um nome”, destaca.

As balsas eram aglomerados de troncos, toras ou tábuas de madeira reunidos à feição de jangadas que eram transportadas pela corrente do rio. O transporte era feito durante as enchentes, assim, alguns saltos e quedas existentes no Rio Uruguai eram evitados, ou se tornavam menores, devido ao volume da água.

## Trabalhos

Alunos de Pedagogia e História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) apresentaram trabalhos audiovisuais produzidos como material didático para ser utilizado em sala de aula. Um deles é o documentário “Balseiros de Porto Chalana”, que conta com a história de alguns balseiros como seu Severino Schneider, Urbano Almeida e Osvalter Domingues de Arruda.

O professor Delmir Valentini, da UFFS, destaca que a universidade foi convidada a participar e a se envolver no II Encontro, depois que na disciplina de Ensino de História, do curso de Pedagogia, as alunas foram à comunidade de Porto Chalana para conhecer a história e elaborar material didático para sala de aula. “Continuaremos a pesquisar a temática e como resultado esperamos elaborar materiais como livros, documentários e textos escolares”, relata.

O II Encontro de Balseiros foi realizado pela Epagri, Escola e comunidade



Seu Severino mostra a réplica de uma balsa de 55 metros de comprimento por 12 de largura

de Porto Chalana, Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, Secretaria Municipal de educação, Cultura e Esporte e Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). O I Encontro tinha sido realizado em 2005.

## Guatambu

Durante o encontro, o prefeito Pedro Borsoi destacou que em conversa com os balseiros e os organizadores do encontro, foi decidido oficializar com lei municipal o Dia do Balseiro, além do encontro ser realizado a cada dois anos a partir de agora. “Encaminharemos o projeto de lei para a Câmara de Vereadores para que no futuro nunca seja esquecida essa linda história do município”, afirma.

Porto Chalana é uma das mais antigas comunidades de Guatambu. O nome deu-se pela existência de um importante porto, por onde era escoada uma grande parte da madeira da região, e de uma embarcação chamada “chalana”, que fazia a travessia do Rio Uruguai, de Santa Catarina até o Rio Grande do Sul, e vice-versa.

**VIDA QUE VEM DA NATUREZA**

ALIMENTOS LIGHT, DIET,  
SEM GLÚTEN, SEM LACTOSE,  
INTEGRALS, FARINHAS, GRÃOS,  
CHÁS, SUPLEMENTOS ATLÉTICOS,  
TEMPEROS, CONDIMENTOS, SUCOS,  
PÃES SEM GLÚTEN E SEM LACTOSE.

**Fone:**  
**(49) 3328-9304**

Rua Guaporé, 403 D - Sala 2  
(Próximo a Rui Barbosa)  
Centro - Chapecó/SC

**Alternativa**  
PRODUTOS NATURAIS